

# Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

25 Set 2020  
21:00 Sala Suggia

BEETHOVEN 2020

Baldur Brönnimann direção musical

Joana Valente meio-soprano

Santiago Ballerini tenor

André Baleiro barítono

## Wolfgang Amadeus Mozart

Abertura e árias de *As Bodas de Fígaro* (1786; c.16min)\*

- Abertura
- “Non so più cosa son, cosa faccio” (Cherubino)
- “Voi che sapete” (Cherubino)
- “Hai già vinta la causa” (Conde)

## Gaetano Donizetti

Árias de *A Filha do Regimento e O Elixir do Amor*

(1839/1832; c.11min)\*

- “Pour me rapprocher de Marie” (Tonio)
- “Una furtiva lagrima” (Nemorino)

## Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 4 em Si bemol maior, op. 60 (1806; c.35min)

1. *Adagio — Allegro vivace*
2. *Adagio*
3. *Allegro vivace — un poco meno allegro*
4. *Allegro ma non troppo*

\*Textos originais e traduções nas páginas 4 a 6.

## Wolfgang Amadeus Mozart

SALZBURGO, 27 DE JANEIRO DE 1756

VIENA, 5 DE DEZEMBRO DE 1791

### Abertura e árias de *As Bodas de Fígaro*

Intrigas, infidelidades, ciúmes, sofrimento, amores desencontrados, ameaças e vinganças são os principais ingredientes do prodígio de criatividade artística intitulado *Le Nozze di Figaro*, que Wolfgang Amadeus Mozart compôs em 1786, em parceria com o libretista Lorenzo da Ponte. O libreto é uma fabulosa adaptação de *Le Marriage de Figaro*, uma comédia que o dramaturgo francês Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais (1732-1799) escreveu em 1778, representada com grande aclamação em Paris, em Abril de 1784, depois de ter desencadeado uma enorme polémica devido aos comentários e referências incendiárias que faz à sociedade francesa da segunda metade do séc. XVIII. No início de 1785 é publicada em Viena a tradução para alemão que Mozart conhece por intermédio da companhia teatral do seu amigo e colega maçom Emanuel Schikaneder. A estreia de *As Bodas de Fígaro* teve lugar no dia 1 de Maio de 1786, no Burgtheater de Viena, com enorme sucesso. Mas a sua apresentação em Praga, em Dezembro desse ano, foi triunfal, tendo levado à encomenda de uma nova ópera: *Don Giovanni*.

A música sublime que Mozart escreveu para o libreto de Da Ponte reflecte com uma eficácia extraordinária o mundo complexo que retrata. Em termos muito genéricos — a ópera desenrola-se em quatro actos — o enredo tem como ponto central o casamento de Fígaro e Susana, criados do Conde e da Condessa de Almaviva, respectivamente. Mas o Conde é um mulherengo e quer conquistar Susana, que o repele veementemente. Fígaro fica furioso com o assédio do Conde e quer vingar-se dele. Por outro lado, o protagonista da ópera está preocupado com um antigo contrato nupcial que assinou com Marcelina, a governanta do médico do Conde, segundo o qual fica obrigado a pagar uma avultada quantia à governanta caso o casamento não se concretize. Na intrincada história entram ainda a Condessa, profundamente infeliz com a infidelidade do marido, e Cherubino, o jovem pajem do Conde, que começa a descobrir o amor e as virtudes do sexo oposto ao se enamorar, primeiro da Condessa, e depois da filha do jardineiro, Barbarina.

Alegre e brilhante, a Abertura da ópera foi terminada apenas a dois dias da estreia. Os temas que Mozart apresenta, não sendo utilizados no decorrer da história, anunciam o carácter bufo da ópera. Sobre um fundo de cordas em *pizzicato* e enriquecida com delicados apontamentos das madeiras (flauta, oboé, clarinete e fagote), surge a *arietta* (uma ária de pequenas dimensões) “Voi che sapete”, pertencente ao 2.º acto da ópera, na qual Cherubino pergunta a Susana e à Condessa, como mulheres experientes e enamoradas que são, se é amor a inquietação e o ardor no peito que ele sente. Esta dúvida já havia assaltado o jovem pajem no 1.º acto, quando na belíssima ária “Non so più, cosa son cosa faccio”, conta a Susana o quão perturbado fica ao sentir crescer dentro dele um extraordinário interesse pelas mulheres e uma vontade incontrolável de estar sempre a falar de amor. Apaixonado por Susana, mas ferido no seu amor-próprio por não ser correspondido, o Conde exala o seu desejo de se vingar do seu rival, Fígaro, no recitativo “Hai già vinta la causa” e na ária “Vedrò, mentre io sospiro” que faz parte do início do 3.º acto.

## Gaetano Donizetti

BÉRGAMO, 29 DE NOVEMBRO DE 1797

BÉRGAMO, 8 DE ABRIL DE 1848

### Árias de *A Filha do Regimento* e *O Elixir do Amor*

Gaetano Donizetti foi um dos mais prolíficos compositores do *bel canto* italiano oitocentista. Juntamente com Vincenzo Bellini (1801-1835), teve a imensa responsabilidade de se demarcar da febre rossiniana, isto é, do domínio avassalador que as óperas de Gioachino Rossini tiveram em Itália e no resto da Europa, entre 1814 e 1830. E é justamente em 1830 que Donizetti obtém o seu primeiro grande sucesso nacional e internacional com *Anna Bolena*, uma ópera baseada na trágica história da segunda esposa do rei Henrique XVIII que mostra uma significativa liberdade em relação às normas rossinianas.

*L'Elisir d'Amore* (*O Elixir do Amor*) foi uma encomenda de Alessandro Lanari, empresário do Teatro alla Canobbiana, o teatro milânês vizinho do famoso Teatro alla Scala, para a temporada de 1832. A encomenda de Lanari surge num momento em que Donizetti tinha acabado de assistir à fria e indiferente recepção do público de Milão à sua ópera *Ugo, Conte di Parigi*, estreada a 13 de Março desse ano. Com a colaboração prestimosa de Felice Romani, um dos mais conceituados libretistas italianos, uma parceria que durava já há vários anos, Donizetti compôs *O Elixir do Amor* em apenas dois meses; a ópera foi estreada a 12 de Maio, com assinalável êxito, convertendo-se num dos maiores triunfos do compositor de Bérgamo. O modelo utilizado foi *Le Philtre* (*A Poção*), a ópera cómica do compositor francês Daniel-François-Esprit Auber, com libreto Eugène Scribe, que havia estreado em Paris em 1831, e cujo enredo girava em torno de uma poção de amor. A maestria de Scribe, que Romani soube adaptar na perfeição às tipologias e aos códigos teatrais italianos, residiu em arquitectar um argumento onde o romance entre os protagonistas é catalisado por uma história sobre o elixir.

Nemorino, um ingénuo e modesto camponês, e Adina, uma bonita e rica proprietária, constituem o par romântico da ópera. Mas Adina, que também é cortejada por Belcore, um vaidoso sargento do exército, desdenha Nemorino. O desdém da amada faz o modesto camponês acreditar numa poção de amor que Dulcamara, um pretensioso doutor que não é mais do que um charlatão, lhe vende. Claro que o charlatão não revela que a sua poção é... vinho! Donizetti compõe uma música que tira partido das situações cómicas que abundam no enredo, mas, sobretudo, da expressividade e da emotividade de cada uma das personagens.

“Una furtiva lagrima” é um dos trechos mais conhecidos da ópera e do repertório operático. Trata-se de uma *romanza* cantada por Nemorino, perto do final do 2.º e derradeiro acto, onde ele suspira pelo verdadeiro amor de Adina depois de ter vislumbrado uma furtiva lágrima nos seus olhos. Donizetti escolheu uma tonalidade menor (si bemol) e um instrumento de tessitura grave (o fagote) para introduzir a melancolia em que se encontra Nemorino.

*O Elixir do Amor* teve a sua estreia portuguesa em Lisboa, no Teatro de S. Carlos, em 1834, e dois anos depois foi apresentada aqui na cidade do Porto, no Teatro de S. João.

O falecimento prematuro e inesperado da esposa e uma série de contrariedades profissionais ocorridas em Nápoles levam a que Gaetano Donizetti decida abandonar a Itália para ir viver para Paris, em Outubro de 1838. A mudança para a capital francesa foi despoletada pelo enorme êxito que a ópera *Lucia di Lammermoor* obteve no Théâtre Italien, em Dezembro de 1837, que valeu a Donizetti a assinatura de um vantajoso contrato com a Ópera de Paris. O compositor italiano planeava que a sua primeira ópera francesa fosse *Les Martyrs* — uma versão em 4 actos da ópera *Poliuto*, datada de 1838, que nunca chegou a ser levada à cena. Mas a produção de *Les Martyrs* demorou mais tempo do que o esperado e Donizetti teve tempo de escrever a ópera cómica *La fille du régiment* (*A Filha do Regimento*), a sua primeira obra com um libreto em francês da autoria de Jules-Henri Vernoy de Saint-Georges and Jean-François Bayard. Presume-se que o argumento seja original e não uma adaptação de um outro libreto, como n' *O Elixir de Amor*, ou de uma fonte literária (veja-se *As Bodas de Fígaro*). Estreada a 11 de Fevereiro de 1840, *A Filha do Regimento* de imediato se tornou um êxito, mercê de uma série de elementos cómicos e dramáticos que o enredo contém: uma jovem que é criada por um regimento de infantaria, um conflito entre a França e o Tirol a apelar ao patriotismo gaulês, um amor entre os dois lados do conflito e um final feliz. Marie e Tonio são os protagonistas da história de amor: ela é a jovem que o 21.º regimento de infantaria do exército de Napoleão encontra abandonada num campo de batalha e educa até à idade adulta; ele é um camponês que vive numa pequena aldeia tirolesa. O amor dos dois é difícil de ser concretizado porque Marie prometeu casar com um dos soldados do regimento. Mas Tonio depressa arranja uma solução: alistar-se no regimento francês. A trama adensa-se quando a marquesa de Berkenfield, que finge ser tia de Marie mas é sua mãe, a leva para viver com ela com a pretensão de a casar com um nobre.

Na ária “Pour me rapprocher de Marie”, pertencente ao segundo acto, Tonio pede à marquesa de Berkenfield que o deixe casar com Marie, argumentando com os sacrifícios que fez alistando-se



no exército francês e arriscando a própria vida, por amor a ela. É um trecho de grande beleza onde Donizetti escolhe novamente instrumentos de tessitura grave — fagotes e clarinetes — para caracterizar a tristeza e o desespero do protagonista.

*La fille du régiment* é cantada no Porto, no “velho” Teatro de S. João, pela primeira vez em 1844, três anos depois da estreia portuguesa no Teatro de S. Carlos.

## Ludwig van Beethoven

BONA, 16/17 DE DEZEMBRO DE 1770

VIENA, 26 DE MARÇO DE 1827

### Sinfonia n.º 4 em Si bemol maior, op. 60

O ano de 1806 foi extremamente produtivo para Ludwig van Beethoven. Ao mesmo tempo que trabalhava na segunda versão de *Fidelio*, a única ópera que consta do seu catálogo, e na Sinfonia n.º 5, o compositor concluía a Sonata para piano op. 57 (“Apasionata”), o Concerto para piano e orquestra n.º 4 op. 58, os três Quartetos de cordas op. 59, o Concerto para violino op. 61 e a Sinfonia n.º 4 em Si bemol maior op. 60. A 7 de Março de 1807, os salões do palácio do príncipe Lobkowitz, em Viena, acolheram a primeira interpretação da sinfonia, juntamente com o Concerto para piano e a *Abertura Coriolano*. A estreia pública aconteceria um ano mais tarde, a 13 de Abril, também em Viena, no Burgtheater, com o compositor a dirigir a orquestra. A obra é dedicada ao conde Franz von Oppersdorf, que a encomendou.

Analisando esta sinfonia no contexto do *corpus* das nove obras sinfónicas de Beethoven, de imediato surge a comparação com as duas que lhe são próximas, a Terceira e a Quinta, com estas a ganharem protagonismo pela força, pela determinação e pelo poder que emanam. Ao invés, na Sinfonia n.º 4 Beethoven parece retroceder na escrita orquestral de grande envergadura, ao criar uma obra de proporções mais modestas e mais tradicionais, e com um discurso musical marcado pela jovialidade e pelo humor. Quando ouviu a obra, Robert Schumann comparou-a a uma “elegante rapariga grega” numa referência aos ideais de simplicidade e de proporcionalidade que caracterizavam a arte clássica do período helenístico. A orquestração desta sinfonia é a mais pequena de todas: a partitura pede apenas uma flauta, com as restantes madeiras e os metais aos pares — oboés, clarinetes, fagotes, trompas e trompetes — para além dos dois timbales e das cordas, numa clara indicação de que o compositor de Bona decidiu regressar à tradição sinfónica do século XVIII.

A Sinfonia n.º 4 em Si bemol maior inicia-se com um “lúgubre prelúdio lento”, nas palavras do maestro e compositor Leonard Bernstein, que faz emergir um ambiente taciturno e uma sensação de profunda escuridão. Mas, ao invés de abrir a sinfonia na tonalidade que escolheu, Si bemol maior, Beethoven surpreende e coloca os primeiros violinos a executar uma série de terceiras descendentes com notas da tonalidade de Si bemol menor, enquanto as flautas, os clarinetes, os fagotes e as trompas sustentam um longuíssimo si bemol. Sem interrupção, segue-se um *Allegro vivace* em forma sonata bastante animado e despreocupado onde sobressaem

abundantes e inesperados contrastes dinâmicos, a fazer lembrar as primeiras sinfonias da Escola de Mannheim.

O segundo andamento — *Adagio* — é um trecho sublime que “ultrapassa tudo o que a imaginação mais inflamada poderia alguma vez sonhar, em termos de ternura e de pura volúpia”, citando o compositor francês Hector Berlioz. Os segundos violinos introduzem um padrão rítmico que se vai repetir de forma quase constante ao longo do andamento, sobre o qual surge uma belíssima melodia, interpretada pelos primeiros violinos e pelas violas, que vai crescendo paulatinamente de intensidade criando uma serenidade absoluta.

O *Allegro vivace* — *un poco meno allegro* é o primeiro scherzo orquestral de Beethoven onde a secção principal (A) e o Trio (B) se repetem na íntegra antes que aquela volte novamente para encerrar o andamento. Uma espécie de expansão formal em que o tradicional ABA se alonga para um ABABA. Para demarcar as duas secções, Beethoven utiliza diferentes andamentos: *Allegro vivace* na secção A, *Un poco meno allegro* no Trio (secção B).

O *Allegro ma non troppo* final faz lembrar os finais das sinfonias de Mozart e de Haydn pela sua alegria, pelo bom humor e pela boa disposição. Escrito na forma sonata com dois temas contrastantes, o interesse essencial deste andamento recai na utilização incessante de grupos de semicolcheias em *moto perpetuo* expressas pelos violinos no início mas que alastram aos outros instrumentos. O quarto e último andamento não é espectacular nem heróico mas conduz esta Sinfonia n.º 4 a uma conclusão perfeita!

ANA MARIA LIBERAL, 2020

## W. A. Mozart: Árias de *As Bodas de Fígaro*

### “Non so più cosa son, cosa faccio”

*Non so più cosa son, cosa faccio,  
or di foco, ora sono di ghiaccio,  
ogni donna cangiar di colore,  
ogni donna mi fa palpar.  
Solo ai nomi d'amor, di diletto,  
mi si turba, mi s'altera il petto  
e a parlare mi sforza d'amore  
un desio ch'io non posso spiegar.*

*Parlo d'amor vegliando,  
parlo d'amor sognando,  
all'acque, all'ombre, ai monti,  
ai fiori, all'erbe, ai fonti,  
all'eco, all'aria, ai venti,  
che il suon de' vani accenti  
portano via con sé.  
E se non ho chi mi oda,  
parlo d'amor con me.*

### “Voi che sapete”

*Voi che sapete  
che cosa è amor,  
donne, vedete  
s'io l'ho nel cor.*

*Quello ch'io provo  
vi ridirò,  
è per me nuovo,  
capir nol so.*

*Sento un affetto  
pien di desir,  
ch'ora è diletto,  
ch'ora è martir.*

*Gelo e poi sento  
l'alma avvampar,  
e in un momento  
torno a gelar.*

*Ricerco un bene  
fuori di me,  
non so chi'l tiene,  
non so cos'è.*

*Sospiro e gemo  
senza voler,  
palpito e tremo  
senza saper.*

*Non trovo pace  
notte né di,  
ma pur mi piace  
languir così.*

*Voi che sapete...*

Já não sei o que sou nem o que faço,  
se morro de calor ou enregelo de frio,  
todas as mulheres me fazem mudar de cor,  
todas as mulheres me fazem tremer.  
As próprias palavras 'amor' ou 'deleite'  
perturbam-me e alteram-me o coração  
e as conversas sobre amor  
enchem-me de uma ânsia inexplicável.

Falo de amor quando estou acordado,  
falo de amor mesmo a sonhar,  
com as águas e as sombras, com os montes,  
com as flores, as ervas e as fontes,  
com o eco, o ar e os ventos,  
que levam para longe o som dos meus rogos  
não correspondidos.  
E se não tenho quem me ouça,  
falo de amor comigo mesmo.

Vós que sabeis  
o que é o amor,  
mulheres, vede  
se o tenho no coração.

O que sinto  
eu vos direi,  
é para mim novidade,  
não posso compreender.

Sinto um afecto  
cheio de desejo,  
que ora é deleite,  
ora é martírio.

Gelo e depois sinto  
a alma a arder,  
e num momento  
volto a enregelar.

Procuro um amor  
fora de mim,  
não sei quem o tem,  
não sei o que é.

Suspiro e gemo  
sem querer,  
palpito e tremo  
sem saber.

Não encontro paz  
de noite nem de dia,  
mas agrada-me  
sofrer assim.

Vós que sabeis...

**“Hai già vinta la causa”**

*Hai già vinta la causa! Cosa sento!  
In qual laccio io cadea?  
Perfidì! lo voglio di tal modo punirvi...  
A piacer mio la sentenza sarà...  
Ma s'ei pagasse la vecchia pretendente?  
Pagarla! In qual maniera!  
E poi v'è Antonio,  
che a un incognito Figaro ricusa  
di dare una nipote in matrimonio.  
Cultivando l'orgoglio di questo mentecatto...  
Tutto giova a un raggio...  
Il colpo è fatto.*

*Vedrò, mentre io sospiro,  
felice un servo mio!  
E un ben ch'invan desio,  
ei posseder dovrà?  
Vedrò per man d'amore  
unita a un vile oggetto  
chi in me destò un affetto  
che per me poi non ha?*

*Ah no, lasciarti in pace,  
non vo' questo contento,  
tu non nascesti, audace,  
per dare a me tormento,  
e forse ancor per ridere  
di mia infelicità.  
Già la speranza sola  
delle vendette mie  
quest'anima consola,  
e giubilar mi fa.*

**Gaetano Donizetti:**

**Árias de A Filha do Regimento e O Elixir do Amor**

**“Pour me rapprocher de Marie”**

*Pour me rapprocher de Marie  
Je m'enrôlai, pauvre soldat.  
J'ai pour elle risqué ma vie,  
Et me disais dans les combats:  
Si jamais la grandeur m'énivre,  
Cet ange qui m'a su charmer, ah!  
Il me faudrait cesser de vivre,  
S'il me fallait cesser d'aimer!*

*Tout en tremblant, je viens, madame,  
Réclamer mon unique bien!  
Si j'ai su lire dans son âme,  
Mon bonheur est aussi le sien!  
Jusq'à l'espoir mon coeur se livra,  
Sa voix saura vous désarmer. Ah!  
Il me faudrait cesser de vivre,  
S'il me fallait cesser d'aimer.*

A causa está ganha! O que ouço!  
Em que laço estava a cair?  
Pérfidos! Eu quero punir-vos de tal maneira...  
Por minha vontade a sentença será...  
Mas se ele pagasse a antiga pretendente?  
Pagá-la! De que maneira!  
E depois há o Antonio,  
que a um desconhecido Fígaro recusa  
dar uma sobrinha em casamento.  
Cultivando o orgulho deste mentecapto...  
Tudo serve para a vigarice...  
Está dado o golpe.

Verei, enquanto eu suspiro,  
feliz um criado meu!  
E um bem que em vão desejo,  
ele deverá possuir?  
Verei pela mão do amor  
unida a um vil objecto  
quem em mim despertou um afecto  
que por mim não sente?

Ah não, deixar-te em paz,  
não quero essa satisfação,  
tu não nasceste, audaz,  
para me atormentar,  
e quem sabe, ainda, para rir  
da minha infelicidade.  
Já só a esperança  
das minhas vinganças  
esta alma consola,  
e me faz jubilar.

Para me aproximar de Marie  
Alistei-me, pobre soldado.  
Arrisquei a minha vida por ela,  
Dizendo para mim mesmo nas batalhas:  
Se alguma vez a grandeza me inebriar,  
Esse anjo que soube conquistar-me, ah!  
Eu teria que deixar de viver,  
Se tivesse que deixar de amar!

É tremendo que venho, senhora,  
Reclamar o meu único bem!  
Se soube ler a sua alma,  
A minha felicidade é a dela também!  
O meu coração entregou-se à esperança,  
A sua voz saberá cativá-la. Ah!  
Eu teria que deixar de viver,  
Se tivesse que deixar de amar!

**“Una furtiva lagrima”**

*Una furtiva lagrima  
Negli occhi suoi spuntò...  
Quelle festose giovani  
Invidiar sembrò...  
Che più cercando io vo?  
M'ama, lo vedo.*

*Un solo istante i palpiti  
Del suo bel cor sentir!...  
I miei sospir confondere  
Per poco a'suoi sospir!...  
Cielo, si può morir;  
Di più non chiedo.*

Uma lágrima furtiva  
Despontou nos seus olhos...  
Ela pareceu invejar  
Aqueles jovens em festa...  
Que mais quererei eu!  
Ela ama-me, constato-o.

Senti por um breve momento  
As palpitações do seu coração!...  
E os meus suspiros  
Confundidos com os seus!...  
Céus, poderei agora morrer;  
Nada mais peço.

Traduções: Cristina Guimarães (árias de *As Bodas de Figaro*), Jorge Rodrigues (“Una furtiva lagrima”) e Carla Basto (“Pour me rapprocher de Marie”).



## Baldur Brönnimann direção musical

Baldur Brönnimann é considerado um dos melhores maestros de música contemporânea do mundo. Desenvolveu estreitas colaborações com compositores de topo tais como John Adams, Kaija Saariaho, Harrison Birtwistle, Unsuk Chin, Helmut Lachenmann, Magnus Lindberg e Georg Friedrich Haas, e dirigiu obras importantes de Ligeti, Romitelli, Boulez, Vivier e Zimmermann. Apresentou-se em festivais como BBC Proms, Wien Modern, Darmstadt e Mostly Mozart no Lincoln Center. Maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à programação e à interpretação musical, acredita firmemente na importância das atividades de âmbito educativo e comunitário e na necessidade de questionar as fronteiras tradicionais da música clássica. É Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta.

Das temporadas passadas, destacam-se colaborações com as Filarmónicas de Seul, Oslo, Bergen, Luxemburgo e Real Escocesa, a Sinfónica WDR e as Orquestras de Câmara de Aurora e Munique. Em 2019/20, foi convidado para regressar às Sinfónicas das Rádios de Frankfurt e Viena — para uma interpretação da épica *Décima Sinfonia* de Schnebel no Musikverein. Trabalha frequentemente com ensembles de música contemporânea de todo o mundo: dirigiu o Klangforum Wien (em Viena e em digressão) e o Ensemble Intercompromain nos BBC Proms, homenageando a música de Boulez.

No domínio da ópera, Brönnimann dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti na English National Opera, na Komische Oper de Berlim e no Teatro Colón (Argentina), em produções de La Fura dels Baus e Barrie Kosky; *Death of Klinghoffer* de John Adams na English National Opera; *L'Amour de Loin* de Saariaho na Ópera Norueguesa e no Festival de Bergen; e *Index of Metals* de Romitelli com Barbara Hannigan no Theater an der Wien. No Teatro Colón, dirigiu também *Erwartung* de Schoenberg, *Hagith* de Szymanowski, *The Little Match Girl* de Lachenmann (com o compositor no papel de narrador) e *Die Soldaten* de Zimmermann.

Enquanto Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta, Baldur Brönnimann continua a dirigir programas onde combina de uma forma inesperada obras contemporâneas e desconhecidas com o repertório corrente. Entre 2011 e 2015, foi Director Artístico do principal ensemble norueguês de música contemporânea, BIT20. Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia em Bogotá, entre 2008 e 2012.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direção de Orquestra. Actualmente vive em Madrid.

## Joana Valente meio-soprano

A carreira musical de Joana Valente é intensa e rica em experiências diversificadas enquanto solista e também em música de câmara, abordando repertório de vários estilos e épocas. Foi solista convidada de ensembles variados e apresenta-se regularmente a solo com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Barroca Casa da Música, a Orquestra Filarmonia das Beiras e a Orquestra Clássica do Centro.

Fundou o Duo Invicta com o pianista Nuno Caçote, que já deu origem ao disco *Canção Portuguesa*, com música dos compositores Pedro Blanco e Rui Soares da Costa, bem como a recitais em Portugal, França e Espanha. No papel de Mãe, estreou a peça de teatro musical para crianças *Ritita e o Tablet*, de Nuno Caçote, no Teatro Municipal de Vila Real. Colabora com o Pulsat Percussion Group, com o qual apresentou a obra *Goldbeater's Skin* de C. Cerrone na Casa da Música. Colaborou também com o Drumming GP quando da homenagem ao compositor Steve Reich, no Teatro Real de Madrid. A sua discografia inclui ainda *Histórias*, com música de Francisco Monteiro e letra de Hugo Mezzena. É cantora residente do Coro Casa da Música desde a sua fundação, em 2009, o que a levou a trabalhar com alguns dos mais importantes maestros corais internacionais, entre os quais Paul Hillier — titular do Coro durante 10 anos.

Joana Valente foi aluna de Fernanda Correia e teve o privilégio de trabalhar com outros grandes mestres como António Salgado, Laura Sarti, Ambra Vespasiani, Sue Waters, Elizabete Matos, entre tantos outros. Deles herdou a paixão pelo ensino e, de momento, é professora de canto no Conservatório de Música da Bairrada e no Conservatório Regional de Música de Vila Real.

## Santiago Ballerini tenor

O argentino Santiago Ballerini é um dos tenores mais renomados do repertório de *bel canto*, tendo actuado em muitos dos principais teatros de ópera das Américas do Norte e do Sul. Na temporada 2019/20, estreou-se na Companhia Canadiana de Ópera como Conde Almaviva em *Il Barbiere di Siviglia*. Iniciou a temporada com o seu regresso ao Teatro Colón em Buenos Aires, como Ernesto em *Don Pasquale*, regressando depois à Ópera de Atlanta como Conde Almaviva. Em concerto, cantou *Carmina Burana* com a National Symphony Orchestra em Washington D.C. sob a direcção de Gianandrea Noseda. Nesta temporada, Ballerini estreia-se na Ópera de Zurique interpretando, pela primeira vez, o papel de Cantor Italiano em *Capriccio*. Estreia-se ainda na Ópera do Arizona como Nemorino em *L'elisir d'amore*.

Tem-se apresentado em inúmeros teatros de ópera ao longo das últimas temporadas — Teatro Regio di Torino, Ópera de Toulon, Ópera de Saratoga, Teatro Colón, Ópera Nacional de Bordéus, Bilbao, Ópera de Dallas, Teatro Argentino e Teatro Bellas Artes na Cidade do México. Foi ainda substituto nos papéis de Don Ottavio em *Don Giovanni* e Conde Almaviva em *Il Barbiere di Siviglia* na Metropolitan Opera em Nova Iorque. Estreou-se nos EUA na temporada de 2015/16, no Caramoor Festival, aí regressando no ano seguinte. Alguns dos pontos altos das temporadas anteriores foram o papel de Nemorino em *L'elisir d'amore* no Teatro Solis em Montevideo; apresentações no Teatro Colón no papel título de *Prometeo* de Luigi Nono e como Arbace em *Idomeneo* de Mozart; Lindoro em *L'italiana in Algeri* no Teatro Argentino; Belmonte em *O Rapto do Serralho*, Lord Perci em *Anna Bolena*, Gennaro em *Lucrezia Borgia*, Ferrando em *Così fan tutte*, Ernesto em *Don Pasquale*, Alfred em *Die Fledermaus* e Tebaldo em *I Capuleti e I Montecchi* no Teatro Avenida; Don Ottavio em *Don Giovanni*, Romeu e Tebaldo em *Romeu e Julieta* e Jaquino em *Fidelio* no Theatro Municipal do Rio de Janeiro; Tamino em *A Flauta Mágica* no Teatro Libertador em Córdoba; e a interpretação da Sinfonia n.º 9 de Beethoven na reabertura do Teatro Colsubsidio em Bogotá, Colômbia.

Em Janeiro de 2016, Ballerini ganhou o Grande Prémio no Concurso Internacional de Voz Laguna Magica no Chile, recebendo convites para cantar no Teatro Argentino (Cassio em *Otello*) e na Ópera de Tenerife. Foi semi-finalista no Concurso Francisco Viñas no Gran Teatre del Liceu e finalista no Neue Stimmen Competition em Dresden, Alemanha. Ganhou ainda o 1.º Prémio no Concurso Festivals Musicales, no Concurso da American Society e no Concurso de Ópera de San Juan. Em 2014, foi nomeado “Cantor Revelação de Ópera” pelo Congresso da Argentina e pela Associação Argentina de Críticos. Foi solista na 50th MET Anniversary Gala, recebendo uma bolsa para estudar com Sherrill Milnes. Antes de iniciar a sua carreira profissional de cantor, Ballerini foi pianista durante nove anos e estudou Terapia Musical na Universidade de Buenos Aires, especializando-se em tratamento de adicções.

## André Baleiro barítono

André Baleiro é vencedor do concurso Emmerich Smola SWR Junge Opernstars 2019 (da estação televisiva alemã SWR), do 17.º Concurso Internacional R. Schumann (Zwickau), do 9.º Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa (Lisboa), bem como do Prémio Cultural Theodor Heuss 2017 (Schwetzingen) e do Prémio “Most Promising Talent” no prestigiado Concurso Internacional Das Lied (Heidelberg).

No palco operático tem-se destacado pelas interpretações de Tarquinius em *The Rape of Lucrecia* de Britten (Teatro Nacional de São Carlos), Figaro em *Il Barbiere di Siviglia* de Rossini (Kammeroper München, Munique) e Don Parmenione em *L'occasione fa il ladro* de Rossini (Teatro Pérez Galdós em Las Palmas). Do seu vasto repertório de concerto são de salientar as oratórias de Monteverdi, J. S. Bach, Händel, Mozart e Dvořák, a cantata *Dona nobis pacem* de Vaughan Williams, os *Requiem* de Fauré, Duruflé e Brahms, *L'enfance du Christ* de Berlioz, *Don Quichotte à Dulcinée* de Ravel e *Gurre-Lieder* de Schoenberg.

Tem colaborado com os maestros Michel Corboz, Stefan Blunier, Frédéric Chaslin, Greame Jenkins, Martin André, Andreas Spering, Joana Carneiro, Nabil Shehata e Leopold Hager. Apresenta-se regularmente em recital na Alemanha e em Portugal com diversos pianistas, sendo de destacar as colaborações de longa data com o maestro João Paulo Santos e com o pianista David Santos. A música vocal moderna e contemporânea tem sido desde sempre um dos seus focos de interesse, e recentemente tem cooperado com os pianistas Axel Bauni e Jan Philip Schulze na estreia de obras para canto e piano de conceituados compositores como Luca Lombardi, Michael Pelzel e Steffen Schleiermacher.

André Baleiro iniciou a sua formação musical aos 10 anos de idade no Instituto Gregoriano de Lisboa e a sua formação vocal aos 15 com Elsa Cortez. É licenciado em Direcção Coral e Formação Musical pela Escola Superior de Música de Lisboa. Como bolseiro da Fundação Hamel em Hanôver e da Fundação Gulbenkian em Lisboa, estudou Canto na Universidade das Artes de Berlim com o *Kammersänger* Siegfried Lorenz, e aprofundou o conhecimento e a interpretação do repertório de *Lied* com Eric Schneider. Para além disso, tem frequentado masterclasses com cantores consagrados como Tom Krause, Ian Bostridge, Lorenzo Regazzo e José van Dam. Actualmente prossegue o seu aperfeiçoamento técnico e artístico com Snezana Stamenkovic em Mannheim.



## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Baldur Brönnimann** maestro titular

**Christian Zacharias** maestro convidado principal

**Stefan Blunier** maestro associado

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas e Jörg Widmann, a que se junta em 2020 o compositor Philippe Manoury.

A Orquestra celebra o 20.º aniversário da sua formação sinfónica em 2020. Tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil. Ainda este ano, dá especial destaque às sinfonias de Beethoven e apresenta numerosas obras dos séculos XX e XXI nunca antes apresentadas em Portugal.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum "Follow the Songlines" ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

### Violino I

James Dahlgren  
Ianina Khmelik  
Roumiana Badeva  
Vadim Feldblioum  
Vladimir Grinman  
Alan Guimarães

### Violino II

Ana Madalena Ribeiro  
Nancy Frederick  
José Paulo Jesus  
Karolina Andrzejczak  
Francisco Pereira de Sousa  
Nikola Vasiljev

### Viola

Alexander Znamenskiy\*  
Luís Norberto Silva  
Francisco Moreira  
Hazel Veitch

### Violoncelo

Vicente Chuaqui  
Michal Kiska  
Aaron Choi

### Contrabaixo

Jorge Villar Paredes  
Slawomir Marzec

### Flauta

Paulo Barros  
Angelina Rodrigues

### Oboé

Aldo Salvetti  
Roberto Henriques

### Clarinete

Carlos Alves  
Gergely Suto

### Fagote

Gavin Hill  
Robert Glassburner

### Trompa

Eddy Tauber  
Bohdan Sebestik

### Trompete

Ivan Crespo  
Luís Granjo

### Tímpanos

Jean-François Lézé

### Harpa

Ilaria Vivan

\*instrumentistas convidados